

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistador(a/e): Sarah Jesus de Araújo

Entrevistado: Rogério Silva de Araújo

São Paulo, 25 de Maio de 2025

Duração da Entrevista: 01 hora e 32 minutos.

Realizada no apartamento do entrevistado em Jandira, SP.

ENTREVISTA COM ROGÉRIO SILVA DE ARAÚJO

Rogério: Vou ter que ficar olhando aqui?

Sarah: É, você pode olhar, você pode olhar pra mim também.

(Risos)

Sarah: Eu vou tá aqui viu? Mais ou menos no mesmo ângulo.

Rogério: Deixa eu deixar aqui. Que você também tem que gravar aqui né você?

Sarah: Pode deixar aqui, ficar mais ou menos. Bom... Antes de... Começar a entrevista mesmo tem esses dois envelopes que são, o 1º é uma carta de apresentação da proposta da disciplina e o principal que são os termos de compromisso que é termos de uso de imagem na verdade. Essa é a carta, né, de apresentação. É da disciplina de história do ensino.

(Silêncio)

(Barulho de objeto mexendo)

(Ruído de envelope abrindo)

Sarah: Os termos são dois, porque um fica com você e o outro fica comigo.

Rogério: Ok.

Sarah: Porque aí é... O principal disso é caso a pessoa queira tipo "ai eu não estou mais a fim de disponibilizar minha imagem", é, ela pode entrar em contato pra retirar.

Rogério: Entendi.

Sarah: Então é importante.

(Risos)

Sarah: Você ter tudo assinadinho.

Rogério: É bom assinar agora?

Sarah: É bom assinar agora, né? Só pra ter registrado, né?

(Risos)

Rogério: Tá certo.

(Silêncio)

(Barulho de papel)

Rogério: Tô com pouco espaço pro nome aqui.

(Risos)

Rogério: Pode escrever aqui por cima?

Sarah: Pode.

(Barulho de papel)

(Silêncio)

(Ruído)

Rogério: Hoje é dia? Vinte-cinco.

(Barulho de papel)

Sarah: Bom... Ah pra começar a entrevista então. Ah, uma apresentação geral da pessoa. Né? Se apresentar.

Rogério: Sou Rogério. Nome completo é: Rogério Silva de Araújo. Sou professor da rede pública estadual, professor concursado desde 2009. É... sou natural do Paraná, cidade de Londrina. Resido aqui em São Paulo desde oitenta e oito né? Vim com a família, primeiro pra Sumaré, depois aqui pra Barueri e agora resido aqui em Jandira. Fui né, a vida toda estudante de escola pública, trabalhador da indústria. Depois ingressei tardiamente na universidade. E tô agora né, como... Atualmente tô como vice-diretor na escola estadual Leonor Mendes de Barros.

Sarah: Ok então. Bom já que você comentou aí nessa introdução seu local de nascimento. Queria, só pra ir seguindo numa linha mais cronológica. Como é que foi então esse período já no começo, antes de você vir pra São Paulo, na infância no Paraná.

Rogério: Lembro não muita coisa. Vim muito novo pra cá né, criança, então a gente tem algumas lembranças, alguns flashes né? Não tem muita...

(Som repentino de vídeo do notebook.)

(Risos)

Rogério: Depois você corta.

(Risos)

Rogério: De novo, então vim muito cedo pra cá, né, muito criança, então a gente tem alguns flashes de lembrança, né? Mas, sempre recordações que eu tenho, a gente morava em roça, né? A situação era da família era família camponesa, meu pai é lavrador, né? A família, ele era um... tinha o patrão era um arrendatário. E meu pai ele tocava a roça pra esse arrendatário, né? Então aí em troca a gente tinha a casa lá. E trabalhava na lavoura também. Na época de colheita meu pai fazia o controle dos boias frias pra poder trabalhar né, naquela época, cuidar também da, do período de plantação. Então foi.

Rogério: Eu tenho assim, lembro da, fiz a primeira série ainda nessa situação, nesse contexto né? Fui, entrei precocemente, fiz a primeira série com seis anos de idade, né, fiquei acompanhando minha irmã que é a mais velha, somos em cinco. A mais velha que eu, ia pra escola e eu ia porque não tinha ninguém pra ficar em casa acompanhando. E acabou que a professora achou que dava pra eu acompanhar. Era a escola rural naquelas multisseriadas né, várias séries, cada fileira era uma série diferente. uma professora só cuidava, dava as aulas, fazia merenda. E ela achou que eu tinha condição de ir acompanhando.

Rogério: Como de fato eu fiz, acompanhei, e ela providenciou a matrícula né, juntamente com os meus pais. E foi isso, então eu tenho essa lembrança, lembrança da escola é de algumas brincadeiras, a questão de sítio, né, Mas não... São flashes, né, não pega uma coisa contínua assim.

Sarah: Tá. E como foi o período de transição aqui pra São Paulo? O período da mudança?

Rogério: É... Eu lembro dessa questão da mudança, é, se eu não me engano... foi em oitenta e seis. Em oitenta e seis é... acho que foi a época que chegou energia elétrica no

sítio onde a gente morava. Aí foi nessa época que também acho que como pagamento, alguma coisa, meu pai ganhou uma televisão.

Rogério: É... 10 polegadas, 12 polegadas, bem pequenininha, preto e branco na época. E eu não não sabia né, mas na época tava tendo algumas dificuldades lá com o donatário do- da fazenda que o arrendatário, aliás. E enfim... aí ficou difícil a situação lá pra família quando então a gente, é... meu pai providenciou a mudança e viemos pra região de, pra cidade de Sumaré, região de Campinas. Também ainda em sítio, era sítio de uma família de japoneses, né, descendentes de japoneses.

Rogério: Ali, e também ainda era- continua como lavrador só que mudou, né. Enquanto no Paraná a maioria da época trabalhava na- no sítio, tocava nossa plantação de algodão, aqui foi plantação de tomate. Que eu me lembre na época, né, de- então eram vegetais assim. Pra... pensando né, abastecimento aqui pro Ceasa, isso foi em 87, ainda em sítio.

E em 88 foi quando a gente veio, saiu aqui da região de Sumaré, vindo pra Barueri e aí sim saindo do campo né. Fazendo aquela transição saindo do campo vindo pra cidade.

Sarah: Ok... bom pensando agora, mais nesse estabelecimento aqui na região de Barueri. Como foi então seguindo assim a sua infância e mais adolescência né, também? Para que, é questão assim também de escolaridade. Como é que foi a vivência aqui, escolar e tal?

Rogério: Então... é, se eu não me engano quando a gente chegou aqui em Barueri né, foi oitenta e oito, já era mês de março, foi um ano se eu não me engano, acho que teve até greve. Então as aulas já tavam começando mais tarde. É....

Rogério: E então assim, eu já entrei já era no meio do que seria o primeiro bimestre, né, na escola. Mas como tava todo mundo, foi período acho que teve greve se eu não me engano. Então tava todo mundo meio que começando também nessa época e obviamente a gente estranha um pouco né. Eu sempre me vi com uma certa timidez né, desde criança, adolescente também né, sempre fui uma pessoa mais tímida. Então às vezes demorava um pouquinho pra fazer amizade, e às vezes, quando vai fazendo amizade são também com aquelas pessoas mais tímidas ali da turma né. Aquele que tá mais desgarrado a gente já vai...

Rogério: E também eu tinha né, era baixinho, bem pequenininho né, sempre aparentava ter uma idade menor do que eu realmente tinha. Então né, aí ficar, aí eu também, isso é por outro lado é um facilitador né, que aí o pessoal às vezes vai adotando a gente como o mascotinho ali, né. Sempre tem aqueles que protege a gente, né, então sempre foi um pouco desse contexto que eu tive aí na... nesse... no primário, né, que a gente chamava na época, né.

Rogério: Então quando eu cheguei aqui, só recapitulando. Então fiz a primeira série no Paraná, a segunda série lá em Sumaré, e aí quando eu cheguei aqui tava na 3ª série né, do primário que se chamava na época, né, na escola ali no Jardim Belval, aliás no jardim Maria Cristina, né. É uma vila que faz parte do bairro do Jardim Belval, é na época escola República de Honduras.

Sarah: E quais eram seus interesses nessa época? Mais ou menos assim, coisas que você se interessava mais.

Rogério: Tipo pensando em no que que eu gostava de fazer ou pensando em futuro? Assim...

Sarah: Os dois, assim, cabe os dois.

Rogério: Eu- eu acho que eu sempre gostei muito de desenho né. Fui... é até interessante porque sempre vira e mexe eu retomo lá, pra algumas coisas lá... Na minha 1ª série, então, é algo quando me despertou pra essa questão do desenho. Eu tenho uma irmã que

é mais velha que eu, sempre gostou muito de desenhar, eu acho né, então de certa forma eu inspirava também em casa. Mas na escola uma vez a professora no primário, primeira série, a professora perguntou, pediu pra gente fazer um desenho de profissão. Que a gente queria ser quando crescesse, né, e eu fiz um desenho de um policial.

Rogério: Na verdade eu acho que eu nunca quis ser de fato policial. Mas eu acho que era mais ou menos eu tinha uma ideia do que desenhar, né, e aí eu fiz um desenho, a professora elogiou bastante. Falou que o desenho tava muito bom, ficou muito legal, ainda mais considerando a criança né, de primeira série. Então ali eu meio que ganhei um pouco de confiança pra começar a desenhar, né. Então sempre gostei muito de desenho.

Rogério: É, quando cheguei aqui em Barueri durante o ensino eu já tava ali no, na época do ginásio né. Que a gente chamava 5ª, 6ª série. Eu já comecei a fazer oficina de artes na prefeitura né. É lá em Cara- no próprio bairro Jardim Belval, era um projeto da prefeitura mais atendia na... até numa escola, é de, pra escola. Depois foi no, na região do teatro

municipal, na oficina de artes né. Então eu sempre gostei muito assim. Coisa assim que eu gostava de fazer: desenho. E eu também durante muito tempo imaginei que seria meu... iria seguir nesse caminho, né, pensando na- num aspecto de arte mas pro lado voltado pro desenho.

Rogério: É então até, é... 1ª vez que eu ganhei de- algum dinheiro em serviço, foi fazendo desenho, também fazendo arte final pra um amigo do meu irmão na época. Depois se tornou meu amigo também, que fazia camisetas com serigrafia, silk screen. E ele sabia, viu que eu desenhava muito bem. E chamou pra eu fazer arte final com nanquim e papel vegetal, né, pra poder fazer ele revelar as telas. E usando aquelas canetas na época muito muito cara, né, 0.2, 0.3, com Nanquim...

Rogério: E eu lembro que eu fiz as- os desenhos mas no caminho, acho que eu acabei entupindo uma dessas canetas, fiquei com medo de voltar pra trabalhar no outro dia porque acho que eu tinha estragado. Não sabia limpar né, mas foi a primeira experiência até profissional assim também digamos, né, ganhei algum dinheiro. Depois ele foi me pagar o dia de serviço lá das artes que eu tinha feito já, um desenho.

Sarah: Isso se relacionou depois também quando você foi trabalhar pintando faixa?

Rogério: Sim exatamente. Foi dentro dessa mesma, que ali nesse primeiro contato que eu tive... É que era uma oficina, né, desse rapaz que ele trabalhava fazendo camisetas e fazendo letreiros também, faixas e letreiros. Mas aí nesse primeiro momento eu ainda era bem criança mesmo, né. Foi mais uma, até por uma... Pela questão da facilidade do desenho né. Pra, ele chamou aí, já no outro momento já... No- na adolescência, né, eu já tava até no ensino médio nessa época quando eu comecei trabalhar... É pintando faixas, né. Fazendo letreiros de muros, paredes, murais, né. E foi um período assim utilizando

também do talento, né, digamos assim "talento", né, mas aquela facilidade que tinha com desenho, com cores, né. Manipular, fazer letras, né, a mão livre, e que ajudava bastante, né. Então foi bastante relacionado.

Sarah: É... Quando foi mais ou menos que você começou a ter mais interesse por música assim? E apontou isso... tipo cê falou que cê depois montou uma banda e tals.

Rogério: Certo... na verdade eu acho que eu... Eu... a gente em casa, né. Acho que até a figura do meu pai, assim é, minha mãe era muito de igreja, sempre foi muito de igreja, né. Ela participava de apostolado da oração, então ia, participava de terço das missas,

aquela coisa toda. Fiz catequese da igreja católica, né, família, nossa família muito, sempre foi muito ligada a igreja. E aí eu acho que tem já um viés, porque eu sempre ficava olhando muito né, gostava muito dos cantos da, né, dos músicos que tocavam também, sempre ficava olhando os instrumentos.

Rogério: Né, por outro lado meu pai sempre, é... Meu pai era nordestino, né, de Pernambuco, então sempre gostou muito de repente, né, às vezes ele improvisava cantando, fazendo aquelas cantoria de improviso com repente, brincando, alguma coisa, ou lembrava de algum... De alguma dessas músicas antigas. Isso aí sempre foi, fez parte né daquele, é, da formação da infância né, sempre teve muito presente essa questão da mus- essa questão musical. Seja de igreja, seja em casa, também...

Rogério: Meus irmãos, é década de 80, né, sempre ouviu muito, muito, músicas, né. Aí já chegando aqui pra São Paulo ouvindo na Gazeta, tinha um programa de música também chamado na época "Clip Trip", que antes na nossa TV nem pegava o HF, né, então era na Gazeta, era o único programa musical que tinha. Então minha irmã, principalmente minha irmã Lúcia, sempre deixava sintonizado lá e ficava aqueles vários clipes, né, do que tocava na época, aí já, década de noventa, né, e pouco depois a gente já teve acesso a MTV, aí, então assim, meus irmãos eles sempre ouviram muito a música em casa né, e isso então, assim, já vai dando aquela aquela carga, né então eu sempre... Legião Urbana, rock nacional, rock internacional, pop, aquelas músicas sempre fez parte.

Rogério: Na adolescência, já no ensino médio eu já comecei a me interessar mais pensando em tocar, aprender a tocar algum instrumento, né. Só antes ainda, eu e minha irmã, a gente sempre ficava cantando, acompanhando, pegava encarte dos discão lá de, dos vinil que, né, que vinha com a letra lá a história, a gente ficava cantando junto com, tocava- colocava no toca disco, ficava cantando. Então sempre foi, a gente foi muito musical, né, a família.

Rogério: E aí eu já tava já, acho que pro 1º, 2º ano do ensino médio, né, agora, mas na época se chamava 2º grau. Que aí eu me interessei em querer tocar, aprender tocar, e foi quando um amigo meu até me vendeu um violão. Ele tinha, ele o dele, ele vendeu, e

tinha a irmã dele tinha um violão também, e ele me vendeu o violão da irmã, né.

(Risos)

Rogério: Então foi, acho que ela nem sabia, né, enfim. Mas aí eu não tinha dinheiro, quem comprou na verdade foi até o meu irmão, né, chegou, e meu pai ficou feliz pra caramba, né, porque a gente teve um- tava tendo um violão em casa, né. Mas meu pai ficava com a corda só, fazendo aqueles sons do repente e, é, fui aprendendo tocar, né. Nunca fiz curso, nunca fiz nada, né. Sempre foi com base nas cifras, né.

Rogério: Tem um amigo meu, me ensinou algumas bases pra tocar algumas músicas na igreja. No grupo de jovens, com essa música dava pra tocar várias outras, enfim, daí que foi o, esse é assim... Eu comento assim: por que a gente gosta de música? Sempre tem aquela carga da família mesmo, e depois aí quando tava na adolescência aí veio o interesse pra aprender tocar um instrumento, né? Na verdade eu queria tocar contrabaixo, sempre quis aprender tocar contrabaixo. E um amigo meu, ele falou assim: "Rogério, é melhor você aprender tocar violão primeiro e depois cê aprende tocar o contrabaixo. Porque aí você, vai ser mais fácil pra você, porque você vai ter uma noção da música, alguém pra acompanhar, o baixo cê não toca sozinho, violão você já vai poder tocar". Enfim, me convenceu. Aí eu aprendi tocar essa, é... Comprei o violão e comecei a aprender tocar sozinho.

Sarah: E quando foi o processo pra formar a banda?

Rogério: É... eu acho que, é tudo junto. Eu lembro quando a gente nem sabia tocar, nem sabe assim, tava na escola a gente já ficava é... comentando, falando: "Aí eu vou ser o guitarrista!", "Eu vou ser o baixista!", "Aí quem vai ser o baterista?", ficava aquela coisa e ninguém sabia tocar nada. Isso já na escola, né, mas ficava só com essa ideia. Aí eu lembro que, aí eu quando eu tava aprendendo a tocar violão é... o... Pegando as bases aí, eu ganhei um contrabaixo de presente, né, do meu irmão. E aí a gente já começa a ganhar mais corpo aquela ideia. Vai ficando mais séria essa ideia de montar uma banda.

Rogério: E também é outra coisa que já da minha segunda série, terceira série, do segundo grau. Eu comecei me envolver mais com movimento estudantil, né, com outras pessoas. E ali já também já foi, começou... foi a época que comecei mais também é.. como é que a gente pode falar... me identificar. É começar a usar, andar com camiseta de rock, e começar a andar com a turminha, com a galerinha, com os roqueiros, né. Que o pessoal chamava assim, né, tudo de preto, começar a andar de preto, calça rasgada, aquela coisa.

Rogério: Foi nessa transição, né, então foi meio que junto, simultâneo e também já aparecendo vai encontrando mais pessoas com essa mesma ideia, né, de montar banda e foi com um amigo, é, do movimento estudantil. Que na verdade até já tinha uma banda

antes, foi quando ficou mais sério, aí eu uma vez a gente tinha participado... é na época

foi fazer é... eu não lembro se a gente foi... foi depois de fazer campanha eleitoral, essas coisas assim.

Rogério: Eu fui pra casa dele, a gente parou e levou o toca disco dele lá a gente ficou ouvindo um monte de disco de punk, né, que ele gostava muito de punk na época. E a gente começou já confabular ali a banda. A ideia da banda.

Rogério: Ele seria o baterista, eu o baixista e a gente começou a ficar pensando quem que ia ser guitarrista, quem que ia tocar... A gente só pensava em três pessoas mesmo, ali. Alguma coisa a gente ficava ouvindo replicantes, cólera, garotos podres, né, umas coletâneas que ele tinha lá, uns discos bem bem antigos ali. Foi quando a gente assim, ali saiu a ideia da banda, "A gente vai montar uma banda."

Rogério: Ficou só correndo atrás, até falamos quem seria o guitarrista, mas ele nem sabia tocar violão ainda. Mas a gente já colocou queria ser o guitarrista e ensinar a tocar o violão pra aprender que, né, depois seria o guitarrista, porque eu queria ser o baixista e o outro queria ser o baterista, então bateria e baixo já tinha dono, né, só faltava alguém pra ser o guitarrista.

Rogério: Aí no final das contas acabou, esse garoto acabou virando realmente o guitarrista, ele foi aprendendo, a gente foi ensinando. Chamamos um outro amigo também no movimento estudantil que tocava violão bem melhor que eu e que, né, tinha muito mais noção musical, mas ele também já queria tocar teclado. Aí a gente foi formando, foi a primeira ideia de banda assim que a gente teve foi essa, né. Vindo aí então uma mentalidade, né, meio revolucionária, queria fazer música de protesto, aquela coisa toda, né.

Rogério: Isso aí, eu tô já na época... Pensando no período histórico, no final da década de noventa, né. Isso aí é mais ou menos entre noventa e sete, noventa e seis, noventa e sete pra noventa e oito, foi nesse período que a gente foi meio que montando a banda.

Sarah: OK e... bom, nessa época você pensava mais na questão da banda de tipo algo pra fazer no futuro? Assim, pensando mais na questão assim, geral de hoje em dia. Você chegou a cogitar que você viria a ser professor nessa época, você nunca passou pela cabeça?

Rogério: Olha eu acho ser professor nessa época até, não, né. Porque durante um período depois, assim, a gente começou depois que a gente vai aprendendo a tocar um pouquinho mais... Eu nunca, até hoje eu não tenho curso, não tenho formação teórica nenhuma mas de tantas vezes a gente ficar tocando, né. Então cê vai adquirindo alguma prática ali e mais que isso, né.

Rogério: A gente já até pela leitura, sempre foi uma galerinha que gostava de ler, muito envolvido com política, movimento estudantil, aquela coisa toda. Então tinha eu que dizer e a gente já foi pensando em fazer letras, fazer, escrever, fazer música autoral.

Então durante um período a gente já foi pensando que de repente a gente poderia né viver de música. Aquela coisa toda.

Rogério: É bastante ilusão, né, mas também a juventude, bastante jovens também, né. Então é, faz parte, né. Então, mas durante esse período a gente, né, eu já tava trabalhando, continuava trabalhando ainda, né, como fazendo os letreiros, faixas, aquela né, pra ganhar algum trocado, algum dinheirinho. Não era muita coisa mas, né? O trabalho de- de jovem ali, adolescente só, mas já pensava que de repente nosso caminho podia ser pelo lado da música, né.

Rogério: Poderia e na época, tava aqui na região tava bastante efervescente tinha muitas bandas. Tinha banda que já tinha gravado um CD independente, né. Então a gente tava dentro desse caldeirão e também tinha algo interessante que a gente. Como a gente era muito envolvido com o movimento estudantil, a gente conhecia muita gente, mas muita gente. Então quando a gente ia tocar acabava que dava uma certa mobilização só pensando nos amigos, então e aquela galera pra assistir a gente.

Rogério: A gente conseguia, não necessariamente pelo talento, qualidade da- musical da banda, mas também pelo- porque a gente tinha algumas letras, mas a gente conseguia mobilizar muito. Então a gente até fez festival, né, chamamos outras bandas pra tocar e fazer aquela muvuca, então teve uma época que a gente achou que até iria viver de música, né.

Rogério: E foi- foi um período assim e o tempo vai passando... Aí chega aquela hora fala "nossa já, alguns já tinham ido pro e eu não tinha carteira assinada ainda né?" Trabalhava como letreiro mas não tinha carteira assinada e na época isso era muito importante assim, né. Quanto antes cê ter trabalho registrado, aquela coisa toda e a gente já tudo aqueles caras ali já beirando ali os dezoito anos, né. E sem carteira assinada, então já ficava meio aquela preocupação, né.

Rogério: Também falar "ah se essa banda não der certo, a gente não vai ter mais como trabalhar" aquela coisa toda. Então ficava bem uma preocupação ali no ar. Então a gente a meio que apostou as fichas ali que talvez a gente teria que é... viver de música, né. Mas assim a questão de ser professor nesse período, não fez, não tava como um projeto. Nem nunca me vi né, como- embora sempre muito envolvido com movimento estudantil, mas nunca me vi como professor.

Sarah: E então como foi, assim, da onde surgiu a decisão de fazer ensino superior?

Rogério: Tá... É nessa época era ensino superior. Assim quando eu terminei o ensino médio, né, equivalente a ensino médio, eu não tinha muita clareza de fazer ensino superior porque eu achava que eu não tinha preparo, né. Condição de fazer um vestibular tipo da FUVEST pra entrar na universidade pública e muito menos consegui bancar e pagar uma universidade particular, né. A realidade era bem diferente de agora.

Não tinha tantos programas assim e possibilidades, bolsas, esse tipo de coisa, então não fazia muito parte do Horizonte, né, na nossa família até então.

Rogério: A irmã - somos em cinco, eu sou o mais novo e a irmã que é mais velha que eu, ela começou a fazer cursinho, né, em Osasco na época e se ela levasse mais alguém ela ficava, diminuir a mensalidade dela e eu ganhava um desconto também. Aí eu fui, comecei a fazer cursinho com ela também na época mas eu não... Eu tinha terminado ensino médio, né. Mas aí depois ficou pesado, achei que tava muito puxado, né, fazer o cursinho e aquela coisa toda. Falei "não, esse ano eu não vou é... digamos assim, tirar um ano sabático de estudos", né.

Rogério: Então acabei não, não é... Desistindo né do cursinho e ela seguiu, entrou na universidade na época, né. Na época ela, é no Mackenzie se eu não me engano. Aí ela já tava trabalhando numa empresa que era uma importadora que ajudou, né, ajudava ela a pagar.

Rogério: Então foi a primeira da família a ingressar no ensino superior, né. E aí meio que abriu as portas também assim que era possível de uma família humilde, pobre e tudo mais, né, correr. E ela meio que quebrou uma barreira talvez até psicológica, digamos assim, né. Então dava pra acessar e ela é muito empenhada e muito inteligente também, então ela foi a primeira.

Rogério: Eu depois já no início dos anos 2000, né já, tava nessa correria, ainda tava vivendo fazendo faixa, esse tipo de coisa, né. Foi quando deparei com a realidade de ser pai, né aí. Então aí tanto essas ideias de banda e o trabalho que, embora tinha bastante demanda, tinha bastante serviço, mas é algo que é não era esporádico.

Rogério: Poderia assim, eu também não tinha nem toda a ideia organizacional, de gestão de tudo mais, eu era meio bagunçado, né, pra administrar o negócio, então teve que correr atrás de um trabalho registrado, né. Quando eu entrei na indústria, né, consegui emprego na indústria plástica, trabalhando também dentro dessa lógica do que era fazendo serigrafia, silk screen na indústria plástica, né. E foi ali que aí nessa época, então eu fiquei aí uns 5 anos só voltado pro trabalho, nem questão de banda, banda às vezes tocava, mas aquela coisa. Mas era só o trabalho, né, porque era uma outra realidade ali que tava vivendo.

Rogério: Mas sempre minha irmã, né, e eu né, pensava até me inscrever em alguns vestibulares, né, mas não me preparava direito, aquela coisa. E minha irmã sempre insistindo muito pra eu voltar a estudar e voltar a dedicar aos estudos, né. Até pra eu conseguir evoluir, tava ali trabalhando em chão de fábrica, aquela coisa toda, foi um período onde eu aprendi muita coisa mas financeiramente se trabalha muito e ganha pouco.

Rogério: E foi quando eu é... essa minha irmã. É só um contexto né, pra tentar explicar

assim, como depois vai chegar nessa época de professor. Antes de pensar em professor, eu sempre gostei muito de geografia, independente assim, sempre desde pequenininho gostava de mapa, né, de ver capital, daqueles atlas que o pessoal às vezes passava vendendo na rua. Lembro que minha tia tinha um, eu sempre ia de mexer lá, ficava vendo moeda do país, nome capital, aí ficava vendo os mapa onde era tal lugar.

Rogério: Sempre gostei muito desses assuntos, mas por curiosidade, né. E tanto é que no 1º vestibular que eu me inscrevi foi pra história por influência de um professor de ensino médio. Professor muito muito bom, né, e cativa a gente, né. E fiquei ali falando "não, eu quero fazer história se um dia for fazer faculdade", tanto é que no meu primeiro vestibular fui pra história, mas depois que eu fiz a inscrição eu meio que me arrependi, assim: "Nossa devia ter feito pra geografia, gosto tanto de geografia né."

Rogério: Fiquei olhando assim, qual que é era na universidade, na Unifiel aqui de Osasco, aí tinha aqueles catálogos, aqueles concursos lá deles lá pra fazer. E tinha algumas bolsas, né, tava começando a aparecer essas bolsas assim também, se você se fosse bem

classificado ganhava desconto. E aí é, primeiro vestibular foi pra... eu fiz como história e não fui bem, mas foi bom porque assim que eu tinha feito toda inscrição, meio que me arrependi. Falei: "Nossa! Devia ter feito..."

Rogério: E aí quando eu tava na indústria, nesse período aí que eu tava na indústria. Aí minha irmã sempre pegando o pé pra voltar a fazer vestibular de novo, aquela coisa. Ela foi e me escreveu, né. Falou "ó está lá a prova é tal dia, se prepara aí porque já tá feito." ela que fez a inscrição, e aí ela já sabia né, que dessa questão de geografia porque já tinha conversado, então a inscrição foi pra geografia. E foi quando eu passei, né, fiz o vestibular.

Rogério: É até por conta assim, né. O destaque foi a redação né, acho que onde eu consegui a pontuação grande assim, não zerei nos outros mas a redação foi muito boa, a parte da redação. Porque na época da banda eu já escrevia as letras, então a gente acaba tendo um repertório legal, né, então com a temática que caiu foi, acho que eu me dei bem ali na redação, foi o diferencial. E aí eu fiz pra geografia.

Rogério: Agora falando assim, "ah cê vai ser professor de geografia?", eu nem tava pensando muito nisso, eu tava pensando que eu ia ter um ensino superior, ia fazer um curso de algo que eu gostava. E eu vendo além da possibilidade de ser professor, tinha a possibilidade de trabalhar também com uma área mais técnica e tudo mais. Mas eu já tava meio que assim, que eu coloquei na cabeça: "queria trabalhar com geografia". Era essa minha ideia, né, então foi essa transição aí até eu chegar na universidade.

Rogério: Cheguei mais, digamos assim, mais velho, né. Quando eu entrei, ingressei já tinha... Tava pra fazer 25 anos de idade. Então demorei bastante entre saída do ensino

médio né, até ingressar na universidade, foi um bom tempo ali.

Sarah: E como foi esse processo na faculdade, de formação em geografia?

Rogério: Eu assim... pra mim foi fantástico, né. Porque quando eu fiz então já tava muito convicto do que eu queria fazer, então não, a chance acho que, de me frustrar era muito baixa, muito baixa. Não que fosse fácil, né, porque ali me deparei com a realidade assim que, né, onde a gente é exposto ao quão a gente é mal preparado num contexto geral assim de formação, né. Então é, muitas coisas que eu já deveria saber, mas também até pelo tempo que eu tava afastado de escola. Então é um período pra- foi um período desafiador

pra mim pra me reeducar, estudar, né, ter todo o material, aquela coisa toda. Saber fazer anotação, carga de leitura muito alta. Muito alta mesmo.

Rogério: Eu acho que os cursos da- todos os cursos superiores, né, tem uma carga grande às vezes de leitura, mas eu acho que na- na área das ciências humanas, nas humanidades de maneira geral sempre é mais carregado. Lembro sempre do primeiro dia, a professora Eliana que era a chefe do departamento de geografia lá na Unifiel. Ela parecia lá o capitão nascimento, né, fez, agora assim, falou: "ah se você não gosta de ler é melhor você já desistir", né. Foi mais ou menos isso, né, então se não gosta de leitura esse negócio já pede pra sair, né, porque ela falou: "vocês vão ter que ler muito, tem muita leitura.". Então é mas assim, ela fazia mas era alertando, foi bem legal.

Rogério: Então assim eu gostei demais. Esse meu período na faculdade embora é... Eu fiz metade do período era trabalhando e estudando, era muito cansativo por conta disso, né. Acho que a realidade do aluno trabalhador né, do estudante trabalhador é muito muito pesada, né. Então você... Aí você pensa no período da jornada de trabalho, período do estudo e você se preparar, carga de leitura, e dar conta disso tudo é muito muito pesado.

Rogério: Mas aí entra assim, por isso que acho que a importância de... É pra mim facilitou tava fazendo algo que eu gostava muito, então eu gostava muito de conversar com os professores, fui fazendo amizade, né, aos poucos ali depois daqui a pouco, já já me dava bem com todo mundo na turma né, na sala. Então eu, foi pra mim foi um período assim, fantástico! Eu não tenho que reclamar, com toda dificuldade, tudo que tive eu tentei aproveitar ao máximo. Sabia também pensando na minha realidade, na história do privilégio que eu tava tendo de poder fazer um curso superior né.

Rogério: Então, pra mim isso aí sempre foi muito marcante porque se pensar na história assim, da família né, meu pai, quando a gente vai depois vendo toda a história dele da família. Na verdade ele sempre gostou de ser lavrador, de trabalhar no campo, ele só foi saindo do campo na verdade pra que, porque ele foi vendo assim: meu irmão mais velho chegou até a quarta série aí teve que trabalhar na roça. Minhas irmãs, as gêmeas que são

mais novas só que meu irmão mais velho, também chegou na quarta série, teve que parar porque não tinha mais escola, foi pra roça trabalhar de lavra- na lavoura.

Rogério: Aí tinha minha irmã mais velha que eu e eu. Fomos os únicos que nunca teve a educação, assim, interrompida em nenhum momento, porque aí nisso meu pai já começou a se movimentar pensando em sempre ter algum local que tivesse escola. Então a saída tanto do Paraná e do sítio do- aqui em São Paulo, aqui pra cidade, foi pensando na

educação. Tanto é que meu, meus irmãos que tinham já parado na 4ª série voltaram pra escola, terminaram, né.

Rogério: Então é... todo mundo assim, se inseriu de novo no contexto da educação. Então eu sempre lembrava disso, então pra mim era um privilégio muito grande assim, de sair de uma família humilde e tá no- fazendo um curso superior, né. Coisa que cê acha que meu pai nunca tinha sonhado isso, né. Pra- ele se ele já tivesse terminado o ensino básico né, ensino na educação básica já tinha realizado meio que um sonho pra ele. E a gente já tava além né, já tava fazendo um curso superior, então era um orgulho, então pra mim também foi- era algo que assim que me motivava bastante. Me motiva ainda, né. Então por isso que acho que é uma das- um pouco desse contexto, embora difícil mas pra mim foi fantástico.

Sarah: E você acompanhava bastante as viagens de campo que tinha?

Rogério: Muito! Nossa! É um dos outros motivos também que eu decidi fazer geografia com muita convicção. Porque todo semestre né, tinha uma viagem pra fazer um trabalho de campo. É... algo de local direi- diferente pra gente conhecer pra explorar uma temática. Então assim é um diferencial, eu acho que devia as viagens né, as excursões pedagógicas, elas deveriam fazer parte constante em todo o processo de educação, né. E não só no ensino superior porque é, você sair né, da sala de aula pra você tentar ver na prática. Uma ou outra, sabe? Um museu, uma reserva florestal, um parque diferente onde tem determinada coisa. É um... sítio histórico ali né, um centro histórico e alguém explicando, você vendo ali no local. E às vezes não precisa nem ser tão longe né.

Rogério: Então acho que sempre isso aí é um- marca, acho que toda aluna que vai pra algum local assim, aquilo ali transforma um pouquinho, marca. E pra gente não é diferente né, então pra mim as viagens né, os trabalhos de campo que a gente fazia... Foram assim enriquecedores né, marcou bastante aí o meu curso.

Sarah: E bom, como foi o começo de carreira dando aula, professor?

Rogério: Foi sempre desafiador né. Primeira sala de aula que eu entrei era famoso professor eventual né. Era estudante ainda, então era um período tava- meu curso ele era no período da manhã. Né por conta do valor pra pegar a bolsa, né. Então era pra eles incentivar os estudantes até ter- não ter que fechar a faculdade, não ter que fechar o

curso

da manhã, então eles deram davam bolsa então pra eu conseguir essa bolsa aí era no- pro curso da manhã. Aí eu tive que mudar meu horário no serviço na empresa, né e...

Rogério: Aí é quando eu eu peguei aula chegou uma época assim que eu eu tive que me decidir né. Seguir na empresa que não tinha nada a ver com meu curso, que era indústria plástica ou já tentar correr atrás de alguma coisa que tinha a ver com o curso. Então foi nessa época aí que eu comecei então correr atrás pra pegar aula né. Já tinha uma boa bagagem já tava na metade do meu curso mais ou menos. E aí eu eu peguei aula de eventual, morava no vale do sol em Barueri, e peguei a aula na escola no vale do sol só que da parte de Jandira né.

Rogério: E de eventual fiquei, peguei aula assim, fiquei como professor eventual ali. Então porque aí quando algum professor titular falta, a gente entra pra substituir. Aí aí eu lembro que a primeira vez que eu pisei numa sala de aula era pra uma aula de substituir uma aula de filosofia. E o... aí a diretora chegou e falou: "Rogério ó preciso que cê pega aquele primeirão, primeiro ano." Ela falou "ó é um primeiro ano, eles são bem difíceis. se você conseguir manter eles dentro da sala já tá bom." Foi essa a primeira, meu- minha missão era tentar manter os alunos dentro da sala, né.

Rogério: E era a sala bem- uma fama de ser bem complicada na escola, aquela coisa toda. E aí eu lembro que eu comecei uma discussão sobre questão de ecologia e meio ambiente. Discutindo né, fazendo um link ali com a filosofia e acabou gerando uma discussão legal na sala, pessoal gostou, gostei também. Foi tranquilo até né, tava- o susto foi maior do que a realidade, né. E então foi meu primeiro assim, contato em sala de aula, né. Porque a primeira vez que eu peguei na sala né, depois substitui outras vezes, né. Depois substitui outras vezes né, em outros momentos aí. Mas já tinha passado aquele choque, né.

Rogério: E o que é legal é que quando a gente tá na- é estudante também, né, eu tava estudando. Então a gente sempre tem uma coisa nova e aí pegava muita coisa que eu tava vendo lá trazia pra fazer muita discussão com eles então era é, foi mais tranquilo. E depois, pouco tempo depois eu peguei aula livres né tinham aulas, apareceram aula numa outra escola que tinha uma fama de ser escola bem pior do que essa que eu tava já em Barueri no jardim paulista. E assim lembra que uma escola tinha muito problema questão de drogas né, aquela também do noturno.

Rogério: Mas por outro lado eu lembro assim, eu não consigo lembrar de nada ruim nesse período nessa- nesses contatos que eu tive, né. Pelo contrário né, acho que eu consegui ali é estabelecer alguma boa conexão com as turmas, né. Com eram só primeiros anos que

eu tinha e deu pra pra levar bem durante todo ano, né. Depois que eu peguei aquelas

essas turmas aí então acabei um... Fiz o, peguei o planejamento que já tava feito pela professora que tinha deixado as aulas de todos os anos. Na época tinha os livros didáticos, era em cima do livro didático que ela tinha feito. Eu só fui aprimorando, ajustando uma coisa ou outra, mas foi tranquilo assim nesse sentido, né.

Rogério: Mas assim a gente sempre aprendendo muito, né. Tem situações e situações que se passa, né, é muito desafiador ensino médio noturno. De fato assim cê falar né, conseguir dar aula e eles aprenderem alguma coisa. Mas eu lembro de muitas coisas assim, legais, né, que acho que deu pra pra fazer um bom trabalho até.

Sarah: Então você acha que não foi tão problemático assim esse processo de adaptação inicial?

Rogério: Não, eu acho que não mas eu acho que talvez... É por conta assim, se for pensar no retrospecto né. Eu acho que eu sempre tive meio envolvido com essa questão escolar por conta do movimento estudantil. Então assim é...

(Pausa)

Rogério: Então mesmo eu como professor e a disciplina que a gente trabalha que traz muitas discussões e tudo mais. Então acho que é... Pra mim talvez eu tenha essa bagagem histórica, também a questão de- musical. Mas sempre com uma música assim com esse pegando- com essa pegada mais social e tudo mais. E acho que facilitou estabelecer algumas conexões né, com.. Nessa minha transição pra sala de aula, né.

Rogério: Então é muitas coisas assim que eu explicava, às vezes eu tinha exemplo prático que eu já tinha participado: Ou de uma manifestação, ou da questão agrária, de ocupação. Porque também nessa minha juventude de movimento estudantil eu cheguei a participar até de uma ocupação, né, de apoio ao MST. Então quando a gente falava e abordava, aparecia essas coisas na discussão, então a gente sempre tinha alguma coisa a mais pra agregar, e a garotada eles gostam às vezes quando cê tem, né, conteúdo. Mas é história também pra falar né, então acho que foi nesse sentido. Então talvez eu tenha sido privilegiado né, do outro lado né.

Rogério: Então não dá pra gente falar que todo mundo vai ser dessa maneira, mas assim pra mim ajudou bastante. Inclusive na minha faculdade né, nas aulas de geografia agrária por exemplo. É muitas vezes né, a gente participava, tinha facilidade por conta da experiência prática, né. Dos movimentos sociais também.

Sarah: E você focou mais no ensino médio ou você chegou a dar aula pra outras faixas etárias?

Rogério: Então eu comecei com ensino médio né, essas duas experiências tanto como eventual depois as primeiras aulas minhas, turmas minhas mesmo que eu peguei era de ensino médio. É.. me efetivei né, é em 2009. E aí é, quando eu fui assumir as turmas na

escola era em Jandira já. E aí essa aí, foi quando eu peguei turmas do ensino fundamental, foi a primeira vez que eu peguei as quintas séries, né.

Rogério: Peguei turmas, tinha cinco quintas séries, duas sétimas séries em uma outra escola e à noite peguei ensino médio de novo, né. Então, mas agora com as quintas séries quando eu peguei eu não tive a mesma, é digamos assim, a mesma desenvoltura. Então eu tive muita dificuldade com o ensino fundamental, pra lecionar pro ensino fundamental. Bastante dificuldade mesmo. Então foi o meu momento assim mais complicado na minha vida de professor, né, na minha história de professor, foi quando eu estava com essas turmas aí de de ensino fundamental.

Rogério: Eu acho que eu não consegui estabelecer uma didática legal, né, no contexto assim, geral pra que funcionasse com crianças, né. Com adolescente eu acho que eu tive um, eu tinha uma determinada desenvoltura mas com as crianças eu não consegui, né, estabelecer ali uma conexão, ou metodologia ali que funcionasse de fato assim pra eles pensando em disciplina em sala de aula, né.

Rogério: Então eu sempre fui um professor que, como dialoga muito, conversa muito, aquela coisa com a criança. As vezes tem que ser mais objetivo, as regras tem que ser mais claras, tem que dar mais limite ali, né. E eu acho que não- eu tive bastante dificuldade nessas quintas séries. As sétimas séries até que foram boas também não tive muito problema, agora as quintas séries eu tive bastante problema.

Sarah: É e bom, como você vê esse processo de elaboração pedagógica ao longo dos anos? E agora mais pensando nas escolas que você mais trabalhou, assim, por mais tempo nesses anos por aí.

Rogério: Aí cê pensa é questão de currículo?

Sarah: Ah eu falo mais uma elaboração geral e pensando talvez mais por exemplo, as escolas que você mais trabalha foram no Padinha e o Leonor?

Rogério: Isso. Então a questão pedagógica, é que eu falo assim quando eu falo o currículo, porque assim é interessante que nem, quando eu tava- dei aquele exemplo da primeira vez que eu peguei aula, até que eu falei do livro didático. Naquela época isso aí era em 2007, e então nesse período tava começando um processo pra uma mudança, implementação de um currículo no estado de São Paulo, um currículo comum.

Rogério: Mas ainda tava dentro daquela lógica dos livros didáticos estabelecer cada professor fazia o seu planejamento anual, entregava os planos por bimestre, né. E então cê tinha entre aspas uma certa "liberdade" porque você tinha a referência dos PCNs e o livro adotado pela escola pra você fazer seu planejamento e trabalhar ali, né. Então, e aí obviamente cê organizava de acordo, né, cê tinha um na época, era aqueles livros volume único, né, então os conteúdos cê ia organizando dentro daquela- daqueles volumes.

Rogério: E isso aí foi é... conforme foi sendo implementado o currículo oficial no estado de São Paulo na época, né. As famosas cartilhas, né, cadernos, antes foi um jornal e depois veio as apostilas né do... É... Aí fugiu o nome agora. Tinha o currículo oficial do estado de São Paulo que era o- a base né de conteúdos e que era pra gente trabalhar e... E fugiu o nome dos cadernos, né.

Rogério: Dos cadernos que era pra gente trabalhar de cada disciplina. Então é... quando eu entrei já em 2009 como efetivo foi já trabalhando com essas apostilas, então já tinha uma certa... tinha que da conta de trabalhar aqueles conteúdos, né. Por quê que isso é importante? Porque isso aí a gente tem que adaptar pedagogicamente que a gente vai trabalhar, já dentro de algo que já vem montado, vem estabelecido, né.

Rogério: Mas assim, foi feito- era dentro de um programa foi elaborado por especialistas. Então dentro desse caderno, embora na época a gente reclamava bastante, "ah o estado está impondo tal coisa!". Ele não- ele na verdade era pra ser um referencial pra gente poder trabalhar em sala de aula, né. E todas as escolas cê tem uma certa referência em comum então na verdade não era algo ruim. Porque antes também chegava assim, por exemplo, cada escola meio que tava trabalhando uma coisa diferente. Então se um aluno saísse daqui, de uma escola x fosse pra escola y, daí ia tá- podia trabalhar com coisas completamente diferentes.

Rogério: E aí com um currículo comum você vai sair daqui, você vai chegar lá, você está dentro daquela mesma temática, aqueles mesmos assuntos, né. Às vezes é como que é implementado, é colocado ali na realidade da sala de aula, que tem escola que era muito rigorosa dentro daquilo ali. tem que tá cumprindo linha a linha da da apostila e outro não, cê tem que trabalhar o tema dava uma certa liberdade pra gente podera daptar algumas coisas de acordo com a realidade de cada escola e também de cada direção, né. Então, esse eu acho que é um ponto importante.

Rogério: Quando eu cheguei no no Padinha foi em 2010. Né, porque 2010, 2013 lá no Padinha, que era a escola que eu estudei também no jardim belval. Né então é uma escola que eu tenho assim até uma carga afetiva né, muito muito grande. Então eu sempre quis que cheguei lá, quis tentar fazer o melhor ali possível, né. E foi legal porque entrou vários professores efetivos assim quando- nessa época.

Rogério: E a escola ela tava passando por um processo assim de, tava muito mal falada em toda região, né. Eu falo, nossa era uma escola que todo lugar da diretoria aqui de- de Itapevi o pessoal falava mal da escola. E a gente tava meio querendo mudar um pouco esse quadro porque antigamente, na década de noventa, era a escola mais bem falada do bairro, era a melhor escola que tinha. E tinha caído, né. E a gente quis fazer um algo que começasse a melhorar, a gente até tentou fazer um trabalho pra fazer um levantamento da memória da escola, né, do passado, quem foi. Então a gente, e foi algo que eu acho que foi aos poucos, até foi surtindo efeito, né.

Rogério: Estabelecer algumas regras, fazer é prova, provão, né, que é no bimestre com todas as disciplinas com prova. Tentar estabelecer algumas práticas pedagógicas diferenciadas ali pra ver se conseguia mudar um pouco aquele panorama da escola na época, e eu acho que surtiram efeito, né. A sala de leitura era um projeto na diretoria de ensino na época. Tava organizando, reorganizando a sala de leitura e lá a gente tentou fazer vários projetos com a professora que cuidava da sala de leitura. Então ela era muito empenhada.

Rogério: Então a gente foi começando a criar, utilizar os espaços. Eu lembro que também utilizava muito... na época tinha uma TV, né, que ficava no corredor, trambolhão, né, dentro de um armário assim, que cê tinha rodinha que cê levava nas salas. E tinha até um projetor lá que ninguém tinha usado na escola. A gente foi atrás desse projeto, "não, vamo montar, vamo fazer tipo a sala, fazer a sala de vídeo", né, pra às vezes é levar os alunos pra fazer um vídeo, fazer uma coisa diferente, mostrar alguma coisa.

Rogério: Então assim a gente fez essa movimentação e acho que foi legal, né. Começou a mudar um pouquinho essa relação. Isso aí foi no Padinha, né, que era uma escola de bairro, uma escola relativamente pequena. Mas bem antiga, né, aqui em Barueri.

Rogério: E aí em 2014, foi quando eu mudei, aí mudou bastante. É um período assim, um marco que eu tenho na minha vida escolar, porque é quando eu entro no programa de ensino integral. Né, aí muda completamente. Porque aí é um programa que ele já tem uma metodologia própria, ele já tem toda uma estrutura própria, né. Ele vem aqui em São Paulo, ele foi implementado se eu não me engano desde 2012. E ele vem de Pernambuco, a base desse programa vem de Pernambuco. E ele é um programa assim bastante... um pensamento bastante empresarial, né. Com metodologias bastante... com procedimentos, né, todo já pré-estabelecido.

Rogério: É... Com que busca resultado, tem metodologias próprias. Então tem toda uma estrutura, um arcabouço ali já do programa. Então em 2014 quando eu fiz no final de 2013 eu fiz a inscrição, né, fiz uma inscrição e... bem no finalzinho fui chamado pra entrevista. Depois fui pro processo de atribuição, quase que eu fico sem, mas no finalzinho finalzinho fui chamado pra pegar algumas aulas na.. Na escola, no Leonor Mendes de Barros, né, que é onde eu tô até hoje.

Rogério: Então... e aí dentro do programa, assim, meio que a gente reaprende muita coisa, né. Então de procedimento a gente estuda demais, né, estuda muito. É... um é um programa onde exige que a gente também esteja em constante aprimoramento também, né. Então a parte da gente da- uma das buscas que é a excelência acadêmica, pra isso a gente tem que tá em constante formação, autoformação, né. E um processo de avaliação constante ali também que é sofrido.

Rogério: O pessoal fala bastante, na época o pessoal... É um programa assim um tanto polêmico, né, que tem professores que gostam muito e professores que odeiam, né. Não querem nem passar perto de uma escola, né, chamada PEI. Então ele é um- e na época tinham poucas escolas, né, se eu não me engano eram... É... fazíamos parte acho que eram 30 ou era 60 escolas só no estado todo, então eram poucas escolas. Aqui na diretoria de de Itapevi a princípio só tinha 1, depois aumentou pra mais 2 escolas só, né. Então eram só 3 em 2014, 3 escolas que eram integral, né. E aí eu tava em uma delas, então era algo que tava começando ainda, agora quase que não tem escola que não seja do programa integral, ensino integral, né. Inverteu agora o- a característica também e o programa mudou muito ao longo desse tempo todo, tá bem diferente agora do que era no princípio.

Sarah: E como foi... seguiu essa fase aí depois que cê entrou no Leonor?

Rogério: Então no Leonor, assim, eu tive contato com uma nova... Né? Como eu falei, uma nova realidade. A escola também uma realidade bem diferente da escola anterior porque o Padinha era a escola de bairro de periferia. O Leonor, ele é uma escola que tá localizado num bairro também, só que é um bairro de classe média, classe média alta, que é em Alphaville, né. Então, só que o- a clientela, quem de fato atende na verdade são poucas pessoas ali de Alphaville, desde antes na época e a maioria eram de bairros vizinhos, né, bairros mais distantes assim de Barueri mesmo. Ou de muitos- e muitos alunos de municípios do entorno de Carapicuíba, Osasco, Jandira, Itapevi.

Rogério: Então é uma cidade é... É uma escola que atende várias cidades na verdade, então assim, muda completamente a dinâmica ali também que a gente tem. Porém algo que desde quando eu cheguei lá, sempre teve muito, eu percebia muito... Um apego dos alunos com a escola, né, eles gostavam de tá lá, né. Isso aí desde quando eu cheguei algo que eu percebi, né, muitos eram alunos de lugares distantes mas que... E talvez até por isso, né, mas faziam questão e gostavam daquele ambiente.

Rogério: Gostavam de- tinha gente que saía de Cotia, madrugava pra poder chegar lá sete horas da manhã, então cê imagina o esforço que não faz, né. Então era um pouco, era bem- e era isso que até que a gente queria desenvolver no Padinha. Sabe? Que os alunos tivessem o aquele apego com a escola, né, valorizar o espaço que eles viviam. E isso tinha bastante e no decorrer do tempo, né, a gente foi percebendo até que foi diminuindo também essa...

Rogério: Esse... Apreço do dos estudantes com o espaço, né, da escola, né, que a gente faz parte lá agora. Então é algo que até a gente presta atenção, a gente tenta desenvolver, tá tentando desenvolver isso, né. Fazer a valorização, né, reconhecimento dos alunos com o espaço, tentar criar uma identidade, né, que foi se perdendo parece, ao longo do tempo, né. Então é algo que é um pouco desafiador, embora pensando num contexto de escola estadual, é uma escola muito bem equipada, né. Não dá pra gente reclamar de

infraestrutura, pensando em infraestrutura em relação a várias outras escolas estaduais, né.

Rogério: É... mas a gente precisa talvez trabalhar ainda bastante essa questão do- da identidade dos alunos com a escola, né, fazer- algo que já foi mais forte mais presente, né. Inclusive a comunidade, né, os pais também fazem muita questão de que os filhos

estejam lá, né, e às vezes tá aí uma diferença, né, que os pais querem muito mas às vezes os filhos ainda não é... não tem essa mesma visão, tem esse mesmo querer, né.

Rogério: Então enquanto é algo que fica parecendo que é alguma imposição dos pais, aí acaba gerando alguma resistência pra eles perceberem que é um espaço ali que é deles também, né, pra poder é... que fica um espaço pra facilitar a aprendizagem. Mas quando tem essa resistência às vezes vai se vai criando uma situação de resistência ali com o próprio espaço, né. Então muitos alunos eles falam muito mal da escola atualmente, né, então "ah essa escola é muito ruim" "a escola é isso, a escola é aquilo" aí, aí e algo que a gente viu mudando muito ao longo do tempo, então é um desafio que a gente tá passando nesse momento ali com... Com a realidade da nossa comunidade escolar.

Sarah: E você tem alguma hipótese do porquê ocorreu essa mudança ao longo do tempo?

Rogério: Eu acho que na verdade sim teve muitas mudanças que ocorreram ao longo do tempo, né. E talvez é só uma transição e até a gente conseguir identificar mesmo, né. Mas assim, o próprio aspecto tecnológico, né, que quando a gente chegou- porque... um exemplo: na nossa escola todas as salas tem lousa digital. Isso era um, vai, pensar na metade aí da década de 2010, isso era o máximo, né, no negócio, hoje em dia, né, então isso aí não faz diferença nenhuma para os alunos que estão lá. Lógico que um monte de escola gostaria que tivesse, mas não é só a tecnologia, né, a própria, talvez, a dinâmica a gente associar, relacionar o uso dessa tecnologia com dinâmica das aulas.

Rogério: É... Então assim, eu acho que são vários fatores. Coisas assim, que eram um diferencial que se tinha antes hoje em dia não aparece mais como diferencial. E eu acho que a gente enquanto educador talvez tenha que passar ainda por um processo de redescobrir, né, novamente o que que de fato atinge os alunos, como é... tomando alguns cuidados é claro, né, que nem, tive algum comentário que alguns países assim que avançaram tanto na imersão do mundo digital... E da tecnologia no ambiente, de aprendizagem das escolas aos poucos estão retirando pra voltar pra algo mais analógico, pensando na implementação dos livros. Vendo por exemplo a dificuldade de produção de textos, né, de argumento, é considerando a facilidade que se tem com o acesso a internet, né, então acho que a gente tá bem nesse meio, nessa encruzilhada aí.

Rogério: Daí eu acho que isso talvez deixa a escola meio desinteressante comparado com as possibilidades que todo mundo tem no mundo virtual. Né? Cê abre um computador e as possibilidades que cê tem ali, tanto de rede social, mas de vídeos e conteúdos e várias

coisas ali que tá. Que pensa na realidade da escola, o aluno falar "mais interessante tá na tela, no computador alguma coisa do que vendo esse espaço real aqui". Com coisas que talvez eu também consigo ver ali no computador. Só que auto- é de uma maneira autônoma só pelo computador às vezes você não tem o processo.

Rogério: Aí entra a questão pedagógica, né, será que de fato eu ficar vendo um vídeo no YouTube sobre idade média. Será que eu vou ter o mesmo condição de aprender quando eu tenho uma estrutura de aula tentando fazer você compreender, fazer um processo de ensino sobre aquele período, né. Tô colocando- eu coloquei idade média aleatoriamente, mas a diferença é essa, né.

Rogério: Que na escola o objetivo é que você compreenda, você estabelecer relação, não é só ficar sabendo do fato, né, ouvir igual uma revista, "Veja", "Contigo" ali só pra mostrar a notícia, né. Mas você compreender um processo histórico, um processo geográfico, uma composição química das coisas e estabelecer relações. O que que isso aí pode influenciar no seu dia a dia, né, não é só o conteúdo pelo conteúdo, né. Só que aí tem todo um processo pedagógico de aprendizagem e o desafio que eu vejo tá aí. A gente ainda conseguir fazer essa conexão desse processo pedagógico aliado com a tecnologia, acho que a gente perdeu um pouco a mão.

Sarah: Ok. E... experiências relevantes que você gostaria de pontuar? Que você teve ao longo dos anos?

Rogério: Experiências relevantes é... em sala de aula? Na escola como todo?

Sarah: Sim.

(Silencio)

Rogério: Vamo lá, vamos... eu acho que é algo que já pra mim aí não é só uma, mas eu acho que é... Tem a ver com aquela pergunta que você falou sobre a questão de visita de campo. Então pra mim principalmente na época que eu tava na escola do Padinha, foi um período onde tinha um programa no- da secretaria de educação do estado que era chamado "Cultura é currículo". Que infelizmente foi descontinuado, mas pra mim foi um dos programas mais sensacionais que teve, a gente tinha até na escola um livro que era um roteiro de vários locais pra visita, e tinha o financiamento da secretaria do estado.

Rogério: Então a gente tinha todo bimestre, às vezes mais de uma, mais de uma possibilidade de levar os alunos pra fazer visita pra museu, pra parque, pra assistir a exposição de um autor de um livro que ia fazer um lançamento. Fazer uma leitura- ver uma leitura dramatizada. Tanto é que é a primeira vez, um destaque dessas visitas foi a primeira vez que eu saí por exemplo: com o pessoal do noturno pra uma visita a gente foi no SESI- no SESC Pompeia se eu não me engano, pra o pessoal fazer uma leitura dramatizada de uma obra, sabe o pessoal achou fantástico porque foi à noite, né.

Rogério: Porque antigamente as coisas só iam pro pessoal do diurno, né, do dia. E aí foi possível essa visitação à noite. Então assim eu acho que todas essas possibilidades- eu sempre fui um professor que gostei muito. Tem professor que às vezes não gosta de sair, porque fica preocupada molecada aprontar, fazer aquela coisa toda. Mas assim pra mim eu sempre gostei muito de ir nessas visitas. E pra mim assim, sempre a galera sempre surpreende muito a gente assim positivamente.

Rogério: Porque participa, sabe? Então, e eu acho que sempre traz com- volta com alguma coisa a mais. Então pra mim assim, não consigo falar de uma, mas as visitas que foram possíveis de ser realizadas. É... também a gente já realizou por exemplo debate que mobiliza toda a escola. Faz toda aquela mobilização que é projeto, né, são projetos aí que são feitos interdisciplinares, onde vários professores abordam e tem uma culminância que envolve toda a turma. Né? Isso aí a gente conseguiu fazer umas duas vezes já na escola, no Leonor.

Rogério: Né é, eu acho que assim, essas coisas assim que eu acho que dão resultado, que mobiliza que tira um pouco aquela característica das aulas. É... só sala de aula, livro prova, aquela coisa. Cê quebra um pouco, cê faz a possibilidade de ter algo interdisciplinar, pra mim são as coisas que mais marcam aí. Então as visitas e projetos, e alguns projetos aí que a gente participou.

Sarah: E bom, atualmente como está sendo o trabalho no cargo de vice de direção?

Rogério: Tá sendo bastante... É... O que eu posso falar... Uma carga muito grande de trabalho, né. Tem bastante coisa pra fazer, as atribuições do vice-diretor ela é- porque o vice diretor ele acaba tanto... Permeando em todas as etapas da escola, né. Ele tá apoiando sempre o diretor, mas aí fica muito a carga da questão disciplinar na escola, né. No nosso caso lá tem que acompanhar... Então essa questão de convivência e clima escolar, mediar conflitos, né, trabalhar muito junto também com a parte do- com quadro de funcionários da escola pra tá orientando, vendo quem tá fazendo o quê, né.

Rogério: Então tem bastante atribuição específica do diretor. Aqui agora no estado de São Paulo, a vice direção ela tá muito relacionada então com a ideia de protagonismo na escola. Né, dos alunos- as ações protagonistas, então por exemplo questão do Grêmio estudantil, questão do acolhimento, os alunos acolhedores pra tentar fazer aquelas boas

vindas e ajudar nessa questão do clima escolar. É atribuição: a questão da tutoria muito vinculada ao vice-diretor especificamente, né. Então assim, e fora o cotidiano mesmo, né. A vida burocrática da escola, né, de documentação, né e... Que está bastante envolvido e então assim, é uma carga.

Rogério: Mas acho que não é só na vice direção, na verdade isso aí é um algo inerente à escola, né. Como professor também a gente trabalha demais, trabalha muito. Sempre leva coisa pra casa, né. Então acho que todas as... É... Instâncias ali na escola, na vida

escolar ela é muito puxada. Mas eu acho também não é necessariamente uma novidade, né. Então assim, é puxado porque é muito trabalho mas acho que tá dentro do rol daquilo que a gente já espera. Esperaria acontecer mesmo.

Sarah: É... e bom agora só pra... Uma pergunta retomando aí um pouco, como é que você vê sua relação hoje em dia com essa relação que você tinha por exemplo com desenho, com música? Né? Porque é aquilo, né, segue a vida e vai levando pra outros sonhos.

Rogério: Sim. É... então infelizmente com desenho eu acho que é onde eu mais parei. Assim é... não consigo... Até às vezes compro alguma coisa pra tentar voltar a fazer desenho. Alguns amigos até pedem pra fazer alguma coisa, né. E por conta da lembrança que tinha de muitos desenhos que eu já fiz. Mas eu acho que é o que tá mais é... Parado assim, questão da música, né

Rogério: Eu é... Assim a título de só a banda ainda existe, né, a gente não desfez, né, nunca acabou a banda. E... de vez em quando a gente até consegue fazer algum ensaio só pra dar uma descontraída, né. Então já virou uma banda dos tiozinho, né, tudo tiozinho barbudo, barba, careca, cabelo branco, tá tudo. Mas às vezes a gente junta ainda pra fazer uma brincadeira, tem um grupo no WhatsApp da banda lá, que a gente só fica um xingando o outro porque marca "ah mas eu não posso". Sempre um que não pode, atrapalha né, então virou mais um ali só pra gente ficar dando uma alfinetada no outro ali tá.

Rogério: Mas a banda existe inclusive no grupo do WhatsApp, né. Mas é um pouco essa relação né a gente... Ultimamente até a gente fez um repertóriozinho lá pra fazer os ensaios, cogitamos de tocar no festival, mas não rolou. Só tá no pensamento, aí.

Sarah: É... bom agora, pensando nisso é... considerações finais você teria aí.

Rogério: Ah eu acho que foi legal bate papo, né, falar um pouco da... Da história da vida e que assim, eu acho que... Acho que todo mundo, né, quando começa a contar assim, tem né, essas nuances aí, acho que faz parte. Acho que isso aí ajuda pra mim agora que eu fui, né, foi contando a história que a gente fica lembrando de tanta coisa que já passou, tanta... É bem legal, né, essa experiência. Né? Essa entrevista assim, acho que é bacana a gente reviver, relembrar, recordar de vários momentos.

Rogério: Até pra gente valorizar onde a gente tá agora, né. Porque... e eu acho que isso serve pra todo mundo, né. Às vezes quando a pessoa tá meio cabeça baixa, aquela coisa, falando que, né, a vida é meio ruim, aquela coisa toda, lembrar um pouquinho de toda a história que tá, porque às vezes já passou por uma situação muito mais complicada, e por mais difícil que seja um momento atual, né, em um outro momento talvez tenha sido mais complicado. Embora cada momento acho que tem sua importância, né, na história de cada um, né.

Rogério: Cada momento ele, por mais difícil que ele seja ele deixa uma lição. Deixa alguma coisa importante que é mais um tijolinho na construção ali da vida, né, que a gente tem, então eu acho que é essa que é uma mensagem aí pra finalizar, né, que... Todo momento aí que a gente viveu, sempre tem alguma coisa que serve de experiência. Né? e que talvez um passado aqui na cabeça é sempre nostálgico, né. Não sei se necessariamente era melhor do que o momento que a gente tá vivendo agora, então...

Sarah: É bom uma pergunta aí surpresa, assim pra finalizar. Pensando agora no atual... bom é... Seria mais como você vê agora perguntando assim, como filha mesmo. Como você vê o meu processo de profissionalização na área? Porque agora eu também tô aí na área de licenciatura, né, pra...

Rogério: Eu vejo é.... Ótima observação porque assim, tem muitos colegas, né, que fala assim: "Eu não quero ver meu filho na área de educação". Por conta dos problemas aqui no Brasil, a gente sabe que não é uma área muito valorizada e tudo mais. Nunca foi meu pensamento, nunca foi assim, ah não é a minha forma de ver, né. Minha forma de ver é

sempre se faz parte daquilo que você gosta, por exemplo tá dentro de uma área, que eu sempre uso: eu gostava de geografia.

Rogério: Não sabia se iria ser professor, então você gosta de arte, então gosta do desenho. Ah o que, aonde isso aí vai te levar? Então eu acho que é as possibilidades que vão surgindo, né. Mas o mais importante é abraçar a ideia, aproveitar toda- o processo de formação, principalmente o processo universitário, acho que enriquece muito muito a gente, é por isso que a gente fala de ensino superior, né, porque é uma outra dimensão de aprendizado, são outras possibilidades.

Rogério: Então fico assim, bastante feliz! Bastante orgulhoso porque... Acho que é uma possibilidade, né, bem é... que surge. Que eu não vejo de forma alguma como inferior, né, tipo ir pra área da educação. Pelo contrário, eu acho que a gente precisa de ter bons profissionais na área da educação, pra gente tentar mudar esse quadro do país. E se a gente ficar com essa mentalidade de que é última opção ir pra educação, a gente não vai conseguir mudar, né. E eu acho que a educação ela é sim uma área importante pra profissional, né.

Rogério: Uma área profissional muito importante ela tem que ser valorizada e tem que ser encarada. Então é... talvez aí fazendo um link agora, tô pensando agora. Nos momentos talvez em que eu não tive tanta dificuldade é porque também eu sempre vi desde o movimento desde quando era aluno lá atrás que era envolvido com Grêmios, essas coisas, movimento estudantil. É sempre pensando em educação de mais qualidade, né.

Rogério: Então eu acho que assim, é esse o pensamento que eu acho que tem que ter também. Essa felicidade eu tenho. Por quê? Eu a minha vida toda foi de uma maneira ou

outra vinculada a educação mesmo que inconscientemente. Agora tenho uma filha que também tá ingressando dentro dessa área da educação também, por meio da arte também, que é algo que eu sempre é gostei, sempre fiz parte. Infelizmente não pude ir pra área do desenho, embora sempre foi muito envolvido ali.

Rogério: Né? Mas tô nessa área da educação trabalhando com jovens e vendo assim, né, que você vai seguindo nessa nessa dimensão, nessa área, nessa possibilidade com estudo, né. E não como... digamos assim acidente de percurso, mas como escolha, né. Porque eu lembro quando você tava no curso de jogos digitais, aí você... Né, foi pedir assim que... falar que não era aquilo que queria fazer. Né e aí "o que que quer fazer?" aí você já tinha pesquisado, já tá- então você tá dentro de uma área que você escolheu.

Rogério: Então acho que essa é... E quando a gente escolhe, a gente tá fazendo aquilo que a gente escolheu então a tendência é dar mais certo. Não tô fazendo forçado, não tô fazendo porque é o que sobrou, não tô fazendo porque só dá pra fazer isso aqui. Não, tô fazendo o que eu escolhi fazer, o que eu quis fazer. Quando a gente tem essa possibilidade de tá forçando o que a gente quer, o que a gente escolhe a chance de se arrepender é bem menor, né. Bem pequeno e a chance de seguir adiante de de... profissionalmente falando, né.

Rogério: Isso aí também ela sempre cê vai tá atuando dentro de algo que você gosta, que você quer. E a tendência sempre a gente tá fazendo o que gosta, o que quer, né, que escolheu, né. Então tem chance de fazer mais bem feito e quando a gente faz as coisas bem feito, se destaca. E é isso que a gente torce bastante, né. Que você faça essas coisas sempre bem feito e que se destaque sempre naquilo que cê escolhe. Aquilo que você escolheu.

Sarah: Bom é.... muito obrigada pela entrevista, assim foi realmente uma experiência bem... Bem única e bem legal assim também de principalmente poder ter gravado, né. Seja ter um... Um... Registro, né, desse processo.

Sarah: É... inclusive aquele desenho que tem na... Ainda tá na sala, né, aquele desenho que você que tinha feito, né.

Rogério: Sim. Pra comentar sobre ele? Não, aquele é um desenho é... ele segue um... Aquele era só um rabisco na verdade, no começo eu comecei a fazer mas ele segue uma ideia de um desenho, de um outro desenho que eu tinha feito anteriormente que participou de uma exposição na oficina de artes de Barueri na época que eu fazia artes plásticas.

Rogério: Eu gosto muito de desenho com nanquim e esse e aquele desenho- eu tinha feito um desenho antes. Eu tinha lido um livro chamado "Eram os Deuses Astronautas?" Do... Aí fugiu... O Doni- Daniken? Não lembro o nome do autor lá, que aí pega esses mistérios que tem no mundo, aquela coisa toda, e faz uma certa referência de que foram

astronautas que vieram no passado, aquela coisa toda. Tem até uma série do History, né, que trabalha, né, os... Essa... essa... Mas é meio que teoria de conspiração, mas eu gostava muito de ler isso antes. Assim como coisa sobre Triângulo das Bermudas, essas coisas assim, meio...

Rogério: E porque ficava me dando ideias, né, então ficava dando ideia. Então aquele desenho meio surreal com várias referências, por exemplo: O desenho tem várias referências que foram tiradas desse livro. Eu fui colocando mas de uma maneira sobreposta, né. Então por isso que aquela coisa doida um peixe voando. Inclusive...

Rogério: É... também tem referências de músicas. Eu gosto muito por exemplo, Zé Ramalho. Então às vezes eu ficava ouvindo música conforme ia fazendo e alguma coisa, alguma frase da música, alguma coisa dava ideia, fazia um desenho ali, então, forma assim como eu tentava... É determinado momento histórico, aí eu materializei no desenho ali. Aí aquele tá dentro desse contexto, né. Da leitura desse livro, com algumas músicas que eu ouvia muito na época. E coloquei tudo dentro daquela ideia, aquele monte de coisa que parece que é aleatória, mas na época assim na cabeça fazia algum sentido.

Sarah: É bem a ideia do surrealismo, né?

Rogério: Exatamente, são todas as coisas reais assim. Mas que não daquela maneira ali, né, não ficaria... Não seria a realidade, né. Mas é muito... Eu gosto muito assim, de sonho e essas coisas, né, e eu sou uma pessoa que sonha muito, é muito comum lembrar sonho e às vezes nem sonho... às vezes não tem muito sentido. E essas- desenhos assim que eu fazia também às vezes retratava um pouco isso, né, essa sensação, ou eu sonho por causa do desenho, ou eu desenho por causa do sonho. Mas é... é um pouco dessa conexão.

Sarah: E você tem ainda as músicas que cês gravavam na época da banda?

Rogério: Eu devo ter alguma coisa assim, da época da banda mesmo, original assim do final da década de 90 era tudo em fita cassete. Então talvez já não- tenha se deteriorado, lembro que tinha um amigo nosso, ele conseguiu digitalizar. Tinha alguns vídeos de show gravado na época. Mas essa gravação tá bem ruim, mas tem alguns registros de vídeo de shows, a gente na época, a gente fez show no centro de Barueri, no Boulevard.

Rogério: A gente era meio ousado assim na época, né, não tinha nem autorização nem nada, a gente montou, puxava extensão, levava, a gente tinha um equipamentinho de som lá. E tem e aí dessa, de alguns desses shows assim. Tem gravado né e é um amigo nosso que sempre acompanhava, né. A gente até colocava ele fazendo parte da banda, ele não tocava nenhum instrumento mas ele era o técnico de som, né, o Flávio. Então... e ele tinha bastante registros assim, então sempre ele tava gravando. Então tem um monte de coisa que a gente não conseguiu salvar porque era de fita de vídeo cassete.

Rogério: Eu até ouvi dizer uma vez que o pessoal tinha convertido isso aí pra algum formato digital. Mas eu nunca tive acesso, não sei se si perdeu nesses HD's aí que vão pro espaço na vida. Né, que.... Mas eu sei que os vídeos existem sim, ainda tem, acho que o Flávio tem alguns registros, aí, talvez ele até postou já no YouTube, daquele jeito que não é público pra salvar. Mas deve ter registro.

Sarah: Eu tava perguntando, mas só se tipo... se tivesse se, daria pra pôr depois na montagem. Só pra ter tipo um exemplo assim, o vídeo que eu planejo, alguma coisinha assim só na montagem final no caso, por isso que eu tava perguntando. Mas se não der aí...

Rogério: Não, mas deve ter alguma coisa, dá pra gente tentar procurar, mas deve ter algum e eu acho legal também a questão do registro. Que aí eu fico pensando assim... Que era algo que eu que eu gostaria de já ter feito com meu pai. Né? Então achei bem legal essa proposta porque meu pai ele tinha muita, mas muita história, seu... Seu José Ferraz, seu avô.

Rogério: Ele tinha muitas histórias que ele contava, tanto da época do Paraná quanto a época lá do Nordeste, né, de quando ele era criança, desde quando ele era criança. Eu acho que meu pai lembrava mais dele criança, da infância dele do que eu consigo lembrar da minha, né. E ele contava muita, mas muita história assim, né e... E a gente na época até já tinha a possibilidade, mas a gente nunca gravou esses causos, ele contando os causos, as história, aquela coisa toda, né, de vida. Então é legal a iniciativa. Bacana, parabéns!

Sarah: Obrigada por, né.